A PROPOSTA DAS ESCOLAS INTERCULTURAIS BILÍNGUES DE FRONTEIRA NO CHUÍ-CHUY

(La propuesta de las escuelas interculturales bilingües de frontera en el Chuí-Chuy)

María Josefina Israel Semino[1]

Resumo

Este trabalho tem por objetivos apresentar, em primeiro lugar um brevíssimo panorama da situação de bilinguismo no Chuí-*Chuy*; em segundo lugar descrever o perfil do programa desenhado pela *Administración Nacional de Educación Pública (ANEP)* do Uruguai para as escolas bilíngues na fronteira com o Brasil; em terceiro lugar lembrar a experiência brasileira para as escolas interculturais bilíngues de fronteira e apresentar a nossa proposta para esse tipo de escolas existentes no Chuí-*Chuy*; por último faremos um primeiro balanço das atividades dessa proposta que já foram desenvolvidas. Nossa metodologia combina o estudo bibliográfico com a pesquisa participante. As nossas principais fontes bibliográficas são Espiga (2001), Amaral (2009) e Semino (2007 e 2011).

Palavras-chave: fronteira linguística; Chuí-*Chuy*; escolas interculturais bilíngues.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivos el de presentar, en primer lugar, un brevísimo panorama de la situación de bilingüismo en el *Chuí*-Chuy; en segundo lugar, describir el perfil del programa diseñado por la Administración Nacional de Educación Pública (ANEP) del Uruguay para las escuelas bilingües en la frontera con Brasil; en tercer lugar, recordar la experiencia brasileña para las escuelas interculturales bilingües de frontera y presentar nuestra propuesta para este tipo de escuelas existentes en el *Chuí*-Chuy; por último haremos un primer balance de las actividades de esta propuesta que ya fueron desarrolladas. Nuestra metodología combina el estudio bibliográfico con la investigación participante. Nuestras principales fuentes bibliográficas son Espiga (2001), Amaral (2009) y Semino (2007 e 2011).

Palabras clave: frontera lingüística; *Chuí*-Chuy; escuelas interculturales bilingües.

1. Introdução sócio histórico linguística à situação da fronteira Chuí-Chuy

A fronteira Chuí-*Chuy* pertence à região que na época da colônia foi chamada de campos neutrais porque foi disputada entre os reinos de Espanha e Portugal. Em meados do

[1] María Josefina Israel Semino, professora adjunto no Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG-RS), doutora e pós-doutora em Língua Espanhola e Linguística Geral pela Universidade Autônoma de Madri (UAM) e UNED; e-mail para contato: dlamji@hotmail.com.

século XIX fundou-se a cidade de Santa Vitória do Palmar a vinte quilômetros da fronteira Chuí-*Chuy*. Na década de 1970 a construção da estrada que ligou o Chuí e Santa Vitória do Palmar a Rio Grande vinculou de fato pela primeira vez aquela população fronteiriça ao resto do Brasil. No entanto, até hoje os habitantes do Chuí brasileiro se sentem unidos ao *Chuy* uruguaio. Espiga (2001, p.89) registra: "os informantes chuienses... afirmam enfaticamente que não existem dois "Chuís"; a realidade da comunidade brasileira, isto é, do lado de cá da avenida que representa o limite entre os dois países, dentro da cidade, não pode ser compreendida sem considerar a realidade da comunidade uruguaia, do lado de lá da avenida: *é tudo uma coisa só*". Em 2005 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estadística (IBGE) registrou no Chuí brasileiro 6.386 habitantes, havendo na maioria um alto grau de bilinguismo. O *Chuy* uruguaio tem mais ou menos 10.000 habitantes e também existe ali o bilinguismo, embora a diferença do que acontece em *Rivera* (fronteira com a localidade brasileira de Livramento), a presença do português nas classes baixas não seja nem maciça, nem de uso permanente dentro de casa e com a vizinhança. Um dos motivos que poderia se invocar para esse fato é o pouco contato anterior existente entre o *Chuy* uruguaio e o restante do Brasil, pois já foi dito que o próprio Chuí brasileiro teve pouco contato com grande parte do Brasil até meados do século XX. Outro fator (citado por Espiga, 2001, p.85) é o caráter conservador da variante *rochense* do espanhol falado no Uruguai. Obviamente o bilinguismo existente nos dois lados da fronteira está marcado e acompanhado por diversos fenômenos de variação linguística, constatados tanto no português quanto no espanhol, que não podem ser desprezados nas atividades de ensino (em especial de uma e/ou de outra língua).

2. A proposta do governo uruguaio para o ensino do português na fronteira

Segundo Brovetto, Brian e Geymonat (2007), o Programa de Educação Bilíngue Espanhol-Português no Uruguai começou no ano de 2003 em duas escolas situadas na zona fronteiriça uruguaio-brasileira e estendeu-se a um total de nove escolas em 2006. A metodologia de ensino que se desenvolve nessas escolas é a da imersão, segundo a qual a segunda língua (L2) se apresenta através de conteúdos curriculares, sem se constituir no foco de atenção explícita da atividade escolar. A modalidade de imersão escolhida para essas escolas é a da "imersão dual" ou da "dupla imersão". Trata-se de um tipo de educação bilíngue que se caracteriza por reunir em uma mesma aula alunos com diferentes línguas maternas, as quais se utilizam a diário como veículo de instrução. Um dos objetivos do

Programa de Imersão Dual Espanhol-Português é a formação de indivíduos bilíngues. Esse Programa estabeleceu, a *grosso modo*, os seguintes critérios para afirmar que um indivíduo é bilíngue: a) ter a capacidade de utilizar duas línguas em ambas as modalidades linguísticas: oral (falar e compreender) e escrita (ler e escrever); b) ter um controle substancial de todos os níveis de ambas as línguas (fonológico, morfossintático, semântico e pragmático); c) poder escolher uma língua e utilizá-la de acordo às funções sociais e aos requerimentos do contexto comunicativo; d) possuir dois sistemas linguísticos, sendo capaz de mantê-los separados.

Em 2008 a *Administración Nacional de Educación Pública (ANEP)* aprovou o programa de educação em português de imersão para a fronteira com o Brasil. Ali defendeu um tipo de ensino de língua sustentado em três pilares: conteúdos, língua e cultura; o ensino do português se realizaria através dos conteúdos do currículo escolar, sendo assim o português uma língua de instrução, cuja gramática não seria aprofundada. O conteúdo cultural seria explicitamente planejado e trabalhado pelos professores, levando em consideração o contexto fronteiriço. Os objetivos a serem perseguidos seriam os seguintes: 1. Promover o bilinguismo e o bi-dialectalismo, 2. Respeitar e valorizar a variedade linguística fronteiriça, 3. Desenvolver a oralidade e a escrita em espanhol e português estándares, 4. Adquirir conhecimentos em diferentes áreas do currículo escolar, 5. Melhorar os resultados acadêmicos dos alunos, e 6. Promover atitudes positivas entre a escola e a comunidade. Cada turma trabalharia com dois professores, um falando português e outro espanhol; assim, cada jornada transcorreria com o uso alternado de ambas as línguas, sem que os professores façam traduções. As escolas nas quais o programa está sendo implementado estão nas áreas fronteiriças e são frequentados, mormente, por alunos pertencentes às classes baixas, e que já falariam português. Note-se que dentro do *Consejo de Educación Primaria* criou-se o *Departamento de segundas lenguas*, para incluir este novo ensino do português. O programa está sendo desenvolvido no *Chuy* uruguaio na escola da Barra do *Chuy* uruguaio, a Escola N° 110 e a escola *República Federativa del Brasil* (*Escuela* N° 28) do *Chuy*.

3. O Projeto de Escola Intercultural bilíngue de fronteira no Chuí-Chuy

Aos vinte e um anos da assinatura do Tratado de Assunção (1991), o qual cria o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), destacam-se as ações na área educacional. Na Educação Básica, com projetos como as Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF) e, também as Escolas Técnicas Binacionais, que criam universidades, caso do UNILA (Universidade

Latino-americana), tendo sua sede em Foz de Iguaçu, na tríplice fronteira Argentina-Brasil-Paraguai, com compartilhamento de docentes e discentes. Em outros casos, a existência de oferta de cursos de universidades localizadas nas fronteiras, do lado brasileiro, que reservam a cada ano cinco vagas para alunos do país vizinho a exemplo do curso de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), na fronteira com Uruguai.

Nesta fronteira também estão se desenvolvendo há alguns anos projetos de escolas bilíngues de fronteira. Nesse contexto, em 2011, professores do Instituto de Letras e Artes da FURG e do Curso de Turismo do Campus da FURG em Santa Vitória do Palmar, começamos a desenvolver um projeto de ensino bilíngue nas escolas de fronteira *Chuy*-Chuí; o projeto inclui oficinas de formação continuada e acompanhamento sistemático do trabalho docente. Os seus objetivos são: 1. Incentivar os professores a promoverem o biletramento; 2. Instrumentalizar e auxiliar os professores para a elaboração de projetos que contemplem a diversidade linguística e cultural da região; 3. Conscientizar os professores e a comunidade escolar da importância do oferecimento de um ensino bilíngue; 4. Promover o desenvolvimento de uma competência receptiva nos professores; 5. Incentivar a promoção de atividades culturais de integração entre as escolas participantes; 6. Propiciar discussão teórica e práticas de natureza interdisciplinar; 7. Fomentar uma discussão a cerca do plano político-pedagógico das escolas; 8. Promover o respeito pelas diferenças; 9. Reconhecer a idiossincrasia de cada país.

4. Primeiras atividades do projeto

Realizou-se uma descrição das escolas participantes da experiência e das características da população escolar. Quatro são as escolas bilíngues que participam no projeto. Elas são: a escola Nº 28 ("República Federativa del Brasil") do *Chuy* uruguaio e a escola "General Artigas" situada no Chuí brasileiro que estão localizadas na linha fronteiriça e recebem o alunado na sua maioria desse bairro centro-urbano, e, as escolas bilíngues da "Barra de Chuy" uruguaia Nº 74 e da Barra do Chuí brasileira que têm uma população um pouco instável e diferente porque algumas famílias permanecem somente por alguns meses na fronteira e moram em outro lugar no restante do ano.

A diferença das escolas do Chuí-*Chuy* do bairro centro-urbano, as escolas da Barra do Chuí-*Chuy*, têm turmas aglutinadas no ensino fundamental de 1º e 2º, de 3º e 4º, de 5º e 6º.

A metodologia do projeto se apresenta como segue: No segundo semestre de 2012 serão oferecidas três oficinas: a) "Identidades no Chuy-Chuí"; b) "Ensino de língua espanhola

para brasileiros" e, c) "História, Patrimônio Cultural e Turismo". Estas oficinas com uma carga horária de 40h/a cada uma serão ministradas em quatro encontros presenciais de 4h/a cada em que se abordarão os seguintes temas: a) múltiplas identidades desenvolvidas de forma espiral: subjetivação, intersubjetivação e ressubjetivação; identidades na Pós-Modernidade: identidade de nacionalidade; Caracterização das identidades na fronteira; identidades, atitudes linguísticas e estilo linguístico. Propostas pedagógicas para a situação de fronteira linguística; b) formação da sociedade brasileira e uruguaia: conceito de patrimônio; identidade e memória; pertencimento; turismo; e, c) instrumentalização dos docentes na sua prática pedagógica. O seu cronograma prevê o seguinte: 1. Encontros quinzenais com os professores envolvidos no projeto no primeiro semestre de 2012; 2. Elaboração de material teórico/prático para o desenvolvimento de oficinas; 2. Realização das oficinas de formação, observação das aulas e acompanhamento do trabalho dos docentes durante o segundo semestre de 2012 e primeiro semestre de 2013 com os professores envolvidos no projeto.

Também será realizado no segundo semestre de 2012 na sede da FURG em Santa Vitória do Palmar o "Seminário Internacional das Escolas da Fronteira Chuí-Chuy" (conjuntamente ao primeiro módulo das oficinas acima mencionadas), com três mesas-redondas com as seguintes temáticas: a) Experiências pedagógicas de ensino nos anos iniciais; b) Bilinguismo e ensino; c) Retrospectiva do Programa de Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF), uma palestra sobre "Conflitos educacionais no extremo sul do Brasil e a qualidade do ensino", duas exposições do Ecomuseu da Praia de Hermenegildo organizado pelo PET/Turismo e ONG Instituto Litoral Sul e atividades artístico-culturais.

5. Observação das atividades realizadas em duas turmas uruguaias

Uma aula do 1º ano

O professor iniciou a aula mostrando aos alunos duas figuras sobre as quais passou a interrogar. Os alunos não tardaram para identificar que a primeira imagem se tratava de um 'baile de candombe' e a outra de um 'baile de pericón'. A partir de tal identificação, indagou o porquê de os alunos pensarem que as figuras se tratavam das citadas danças típicas uruguaias, e, novamente a partir das respostas das crianças (obs: Os alunos que respondiam às perguntas do professor eram escolhidos por este último de forma alternada após se oferecerem, levantando a mão. E o professor sempre dizia "Tem poucas mãos, preciso de mais mãos".), ia trabalhando a interpretação da linguagem visual. Para exemplificar, cito uma

parte do diálogo entre o professor e os alunos (cujas frases não são idênticas ao que foi dito por eles, mas sim transcritas com nossas palavras), começando pela fala do professor:

- Por que vocês acham que é um 'baile de candombe'?

- Porque as pessoas da figura estão com os trajes típicos do candombe.

- Como são estas roupas?

- São muito coloridas, ...

- E o que mais? Qual é a cor da pele destas pessoas?

- Negra.

- Então, apenas os negros dançam o Candombe?

- Não, todos dançam.

- Mas antigamente, como era? Vocês lembram que eu contei que eles vieram de outro lugar distante de nosso país?

- Apenas os negros dançavam Candombe.

- E de onde eles vieram?

- Da África.

- E o que acontecia quando chegavam no Porto?

- Eram escolhidos para serem comprados. Eles eram levados para serem escravos.

- E era no Porto que dançavam Candombe?

- Não, era onde moravam.

- Ah, em casinhas humildes nos terrenos de seus donos que tinham pele branca. E sabemos que alguns donos maltratavam seus escravos e outros donos que eram bons, não os machucavam. Mas em geral a vida dos escravos não era fácil. E por que dançavam, apenas para se divertirem?

- Não, também para lembrarem de seu lugar.

- Ah, era uma dança típica que trouxeram da África. E se vocês fossem retirados de seu país e levados para um lugar muito distante e diferente onde seriam escravos, como se sentiriam?

- Tristes.

Depois disso, o professor fez o mesmo trabalho de interpretação com a figura do 'baile de pericón', instigando os alunos a perceberem as diferenças entre os dois 'bailes', que enquanto um costumava a ser dançado na cidade, o Candombe, o outro era dançado no campo, no caso do Pericón. O professor também chamou a atenção das crianças para o movimento percebido por elas nas figuras. Nesse momento, o professor dizia que não via as

pessoas retratadas se mexerem, indagando aos alunos como eles tinham chegado à conclusão que havia um 'baile'. Dessa forma, o professor fez os alunos perceberem que era devido aos traços curvos do autor das figuras, cujo nome de tal artista uruguaio é Pedro Figari.

Dessa maneira, nota-se que a aula foi totalmente interdisciplinar. Com apenas uma atividade, a interpretação das figuras, o professor conseguiu trabalhar, além da própria interpretação da linguagem visual, abordagens sobre folclore, história, arte e moral.

Assim como ocorreu na aula do 3º e do 6º ano, o professor em nenhum momento alterou o tom de voz. Apesar de que os alunos estavam um pouco agitados, acredito que pela nossa visita e por serem muito pequenos, demonstravam grande respeito pelo professor.

Além da observação da aula, também folhamos alguns cadernos dos alunos, que conforme nos disse o professor, são cadernos que eles levam para suas casas a fim de realizarem exercícios sobre as matérias ensinadas. No caderno observamos que assim como no Brasil, há a associação das letras a imagens que comecem com tais letras e os desenhos das letras (que fazem passando por cima de pontilhados) também são associados a imagens. As crianças já leem frases simples em espanhol como, por exemplo, 'Hoje é quinta-feira'. O professor também faz a associação das letras com sons e gestos, por exemplo, ao soletrar 's', ele mexe os dedos na frente da boca como se fosse o movimento de uma serpente ao mesmo tempo em que produzia o fonema /s/, que lembra o barulho que faz uma serpente quando está com a língua para fora.

Dinâmica de uma aula do 6º ano

A professora começou a aula apresentando um esquema para retomar o tema da aula anterior. A continuação eles revisaram e completaram as tarefas domiciliares do caderno de aula (a "tortura diária" como as chama a professora). Constatamos que todas as crianças participam levantando a mão, compartilham o que pesquisaram com seus colegas de turma e com a professora e constroem as informações em conjunto. Observamos que a professora estimulava a participação dos que nunca falam em sala de aula dizendo: "El que habla tiene todo el derecho de equivocarse". Verificamos também que todos os alunos têm livros didáticos ("libros de grado") e que no desenvolvimento do plano de aula ("plano diário"), são magistralmente articuladas as seguintes áreas do conhecimento: língua, artístico-corporal, matemática, ciências sociais e da natureza. Folhamos os materiais didáticos da professora e

verificamos que a mesma tem os resultados do diagnóstico e o prognóstico da turma com que trabalha.

6. Brevíssimas considerações finais

À luz do que foi observado, todos os colegas brasileiros participantes no projeto consideraram que as atividades didáticas nas escolas uruguaias estavam mais bem organizadas que nas brasileiras no que diz respeito a:

- ✓ Interdisciplinaridade desenvolvida concretamente no contexto de um só tema,
- ✓ Elaboração da parte dos professores de um diagnóstico e prognóstico da situação da turma,
- ✓ Formação de cultura geral dos professores uruguaios,
- ✓ Aplicação dos alunos nas respectivas tarefas encomendadas,
- ✓ Disciplina no uso da palavra dos discentes e no respeito aos seus colegas e professores,
- ✓ Síntese final de cada aula.

Referências bibliográficas

BROVETTO, C.; GEYMONAT, J.; BRIAN, N. Una experiencia de educación bilíngue español – portugués en escuelas de la zona fronteriza. In: BROVETTO, C.; GEYMONAT, J.; BRIAN, N. (Comp.) *Portugués del Uruguay y educación bilingüe*. Montevideo: ANEP – CEP, 2007. p. 9-47.

ESPIGA, Jorge. *O português dos Campos Neutrais.* Porto Alegre: PUC-RS, 2001. (Tese de doutorado)

RIBEIRO, Tatiana do Amaral. *El portuñol en la frontera brasileño-uruguaya: prácticas lingüísticas y construcción de la identidad.* Pelotas:Editora Universitária da UFPel, 2009.

SEMINO, María Josefina Israel. *La hipótesis de la escala invertida de interferencias: español y portugués.* Alemanha, Saarbrüchen: Editorial Académica Española, 2012.

_____. Las interferencias en la frontera Uruguay-Brasil: Un estudio de caso sobre las restricciones. In: *Línguas em contato. Cenários de Bilinguismo no Brasil* (org. Sidney de Souza Silva). Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 335-350.

_____. Los fundamentos teóricos de la geografía lingüística y la dialectología a la luz de la experiencia metodológica del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). In: *Estudos Hispânicos. História, Língua e Literatura* (orgs. Eduardo Dutra y Rosane Cardoso). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010, p. 38-54.

URUGUAY. ANEP *Documentos de la Comisión de Políticas Lingüísticas en la Educación Pública.* Administración Nacional de Educación Pública. Montevideo: Consejo Directivo Central, 2008a.

URUGUAY. ANEP – CEP *Programa de Educación Inicial y Primaria. Administración Nacional de Educación Pública*. Montevideo: Consejo Directivo Central. Consejo de Educación Primaria, 2008b.